

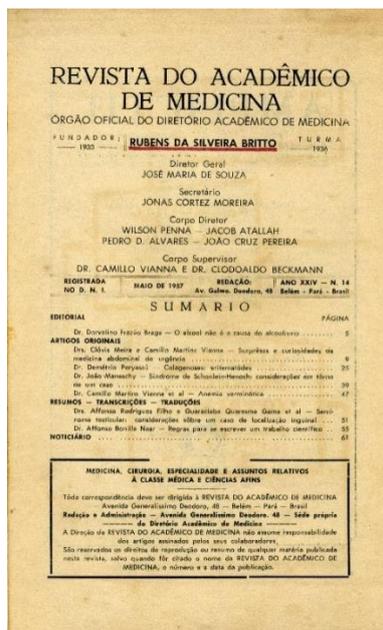
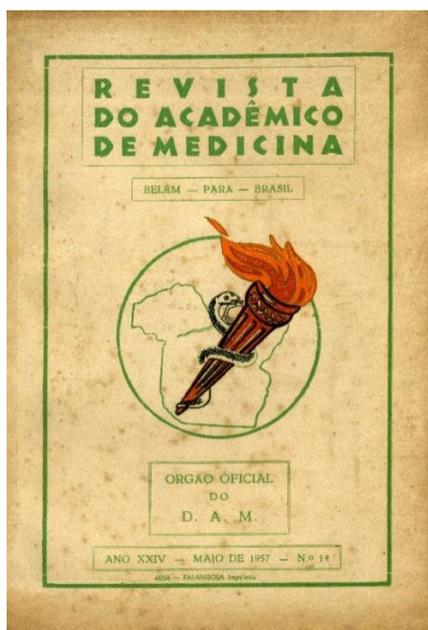


RUBENS DA SILVEIRA BRITTO (1911-2005)

Habib Fraiha Neto

Membro Titular da Academia de Medicina do Pará

Nascido num seringal de Sena Madureira no Território do Acre, em 10 de dezembro de 1911, Rubens Britto cursou Medicina em Belém. Estudante ainda, revelou seu pendor para as letras médicas, fundando em 1933 a Revista do Acadêmico de Medicina, órgão oficial do Diretório Acadêmico de nossa Faculdade de Medicina e Cirurgia do Pará.



Revista do Acadêmico de Medicina, ano 24, n.14, maio 1957, com artigos da lavra de docentes da Faculdade de Medicina e Cirurgia do Pará.

Seu alto prestígio prevaleceria por mais de duas décadas junto às representações discentes, refletindo-se no Noticiário da Revista do Acadêmico de Medicina por ele criada 24 anos antes, que anuncia a instituição do Prêmio Dr. Rubens da Silveira Britto, destinado ao melhor trabalho nela publicado a partir do próximo número por aluno da Faculdade, na avaliação do Conselho Científico do Diretório, constituído de professores da escola. O valioso prêmio teria o patrocínio de um dos Laboratórios Farmacêuticos com representação na cidade de Belém.¹

Graduou-se em 1936, na mesma turma de Hermínio Pessôa, Affonso Rodrigues Filho, Flávio de Britto Pontes, Odmir Rangel Barata, Cândido Pereira da Costa, Francisco Rosário Conte, Felipe Nery Guimarães, Ary Tupinambá Penna Pinheiro e ainda outros nomes expressivos de nossa Medicina regional.²

Iniciava-se, assim, sua operosa carreira em vários rincões da imensa Amazônia brasileira, desde o Oiapoque, no Amapá, até o Guaporé, onde foi ter na condição de médico de bordo de um vapor da Amazon River. Fixou-se em Porto Velho, onde logo seria contratado pelo Diretor da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré (EFMM), Aluizio Pinheiro Ferreira, para integrar o corpo clínico da empresa, serviço criado a partir de 1938 com vistas à prestação de assistência médica aos ferroviários e seus familiares. Juntamente com ele, foi também contratado seu colega de turma Dr. Ary Pinheiro.³

Dr. Rubens haveria de ser um dos pioneiros na organização administrativa do setor saúde, quando da criação do Território Federal do Guaporé em 1943.³

Pelo Decreto nº 2, de 25 de fevereiro de 1944, o já então Governador do Território, Aluizio Pinheiro Ferreira, nomeado pelo Presidente Getúlio Vargas, cria o Departamento de Saúde e nomeia Rubens da Silveira Britto seu primeiro Diretor. Nessa condição, ele haveria de obter a liberação de uma verba do Serviço Nacional de Lepra, do Ministério da Saúde, para a construção de um leprosário em Porto Velho, a que denominaria Colônia Jayme Aben-Athar, com capacidade de atendimento a 150 enfermos. Esboçava-se aí uma de suas grandes paixões no exercício da vocação de sanitariano: a Hansenologia, a que haveria de dar ao longo da vida relevante contribuição.^{3, 4}

Autêntico médico amazônida e homem de Saúde Pública, dedicou-se também ao estudo da maior das endemias na região: a malária. Firmava-se assim, também como notável malariologista.

Mais uma vez em parceria com seu colega de turma Ary Pinheiro, após esmerados estudos iniciaram os trabalhos de saneamento urbano, com a desobstrução e drenagem dos pântanos circundantes das cidades de Porto Velho e Guajará-Mirim, onde proliferavam os terríveis anofelinos transmissores da afecção, promovendo considerável redução da incidência do paludismo.³

Consta haver sido ele quem primeiro empregou a penicilina no Brasil. Esse episódio foi-me por ele próprio contado em algum momento de nossa convivência fraterna, e hoje me deparo de novo com sua narrativa em texto publicado na Internet por Yêdda Pinheiro Borzacov, membro da Academia de Letras e do Instituto Histórico e Geográfico de Rondônia:

*... “um ‘soldado da borracha’ chegou a Porto Velho vindo de um seringal, com grave infecção. O Dr. Rubens havia lido em uma revista sobre os miraculosos poderes curativos de um novo medicamento, a penicilina, utilizada pelos norte-americanos na 2ª Guerra Mundial. Comentou o fato com um cidadão norte-americano residente em Porto Velho. Este, imediatamente entrou em contato radiofônico com os Estados Unidos, solicitando a remessa urgente do precioso fármaco. Dessa forma o paciente foi salvo. Este curioso relato consta em uma edição do jornal ‘Alto Madeira’, de 1942, e foi-me contado em 1987 pelo próprio Rubens Britto, numa ocasião em que fui sua hóspede em Belém do Pará”.*⁴

Em 1954 retornou a Belém, passando a integrar o Conselho Deliberativo da SPVEA (Superintendência do Plano de Valorização Econômica da Amazônia), órgão precursor da Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia (SUDAM). Foi também Representante do Território Federal de Rondônia no Estado do Pará.³

Na SUDAM exerceu durante anos, com competência e probidade, a função de Médico Sanitarista Diretor da Divisão de Saúde, até atingir a aposentadoria compulsória. Chegou a ser, então, designado pelo Governo Federal para o cargo importantíssimo de Secretário Especial de Saúde da Região Amazônica, uma espécie de Vice-Ministro da Saúde para a imensa região, correspondente a mais de 50% do território nacional.³

Publicamos juntos, em 1983, um capítulo memorável sobre Malária no livro sobre Saúde na Amazônia, organizado por pesquisadores do Instituto Evandro Chagas e colegas convidados, editado pela Associação Nacional de Programação Econômica e Social (ANPES), ligada ao Grupo Itaú.⁵

Foi Sócio Efetivo do Instituto Histórico e Geográfico do Pará, segundo ocupante da Cadeira nº 24, cujo Patrono é João de Palma Muniz, sucedendo a Augusto Ebremar de Souza Meira, seu Fundador.

Em 1987, foi merecidamente escolhido para integrar como Membro Titular a Academia de Medicina do Pará, primeiro ocupante da Cadeira de nº 18, cujo Patrono é Eleyson Cardoso, seu grande companheiro de trabalho na SUDAM, com quem publicou uma obra minuciosa sobre A Febre Amarela no Pará.⁶



Rubens da Silveira Britto



Cadeira nº 18

Presidiu o nosso silogeu no biênio 1993/1994. Sua gestão foi marcada pela criação da medalha-insígnia dos membros titulares e honorários, e do distintivo de lapela; pela modernização dos seus Anais, assegurando-lhes periodicidade regular; pela fotografia conjunta dos membros titulares tomada na primeira noite de uso da medalha-insígnia, na escadaria de entrada principal do Theatro da Paz, quando das celebrações do sexto aniversário da Academia em

21 de setembro de 1993; e por apreciável programação científico-cultural. Fui, então, seu 1º Vice-Presidente, o que haveria de estreitar ainda mais nossa já sólida amizade de muitos anos, em que fomos grandes parceiros em projetos meritoriosos como o da organização de dois eventos científicos simultâneos na sede da SUDAM em Belém, em fevereiro de 1976: o XII Congresso da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical (de que ele foi o Presidente de Honra) e I de Congresso da Sociedade Brasileira de Parasitologia. E o ambicioso projeto de resgate da memória de Gaspar Vianna, de amplo alcance nacional, quando do transcurso de seu centenário de nascimento em 1985.

Quando de sua gestão na Academia de Medicina do Pará fui por ele assiduamente visitado durante meses nas manhãs dos dias úteis no Instituto Evandro Chagas. Guardo dele as lembranças mais amenas, de um homem bom, puro, reto, afável, leal. Foi, certamente, para mim mais que um amigo, um outro pai.

Foi também um chefe de família exemplar. Conheceu na viagem do vapor da Amazon River que o levava como médico de bordo a Porto Velho, aquela que viria a ser sua virtuosa esposa e mãe de seus filhos: Sarah Pinheiro Ferreira, recém-saída do internato no Colégio Santo Antônio, das Irmãs de Santa Dorotéia em Belém, em que se graduou como Normalista. Sarah era irmã de Aluizio Ferreira, grande líder político no Guaporé, Diretor da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré, depois elevado à condição de Governador do Território Federal; e de Lourival Ferreira, Tesoureiro da EFMM, com quem ela trabalhou como “Fiel de Tesouraria”.⁷

Desposou-a no dia 1º de novembro de 1940. Haveriam de receber das mãos do próprio Presidente Vargas, as chaves de sua primeira casa, no bairro Caiari, construído pelo Governo Federal, onde o casal residiria por longos anos.⁷

Sarah Ferreira Britto haveria de dar-lhe três frutos dessa feliz união: Vera Maria, Rubens Nazeazeno e Paulo Rubens Ferreira Britto.⁷

Dr. Rubens era irmão do grande Ruy da Silveira Britto, renomado docente da antiga Escola de Engenharia do Pará e professor catedrático de Matemática do Colégio Estadual Paes de Carvalho, considerado o maior conhecedor dessa ciência em todo o Norte do Brasil; e de Ossian Britto, jornalista de grande projeção social em Belém.



Rubens e Sarah, em foto de estúdio feita em Belém em data hoje ignorada.
Fotografia Fidanza, Pará.

Faleceu em 2005, aos 93 anos de idade, legando-nos um exemplo edificante de vida útil e dedicação à Medicina.

Referências:

1. DIRETÓRIO ACADÊMICO DE MEDICINA. **Revista do Acadêmico de Medicina**, Belém, ano 24, n. 14, maio 1957.
2. MIRANDA, A. G.; ABREU JUNIOR, J. M. C. **Memória histórica da Faculdade de Medicina e Cirurgia do Pará, 1919-1952; da fundação à federalização**. Belém: FADESP, 2009. 513 p. [p. 284].
3. BORZACOV, Yêdda Pinheiro. **Um nome que não pode ser esquecido**. Disponível em: <https://www.gentedeopinioao.com.br/colunista/yedda-pinheiro-borzacov/um-nome-que-nao-pode-ser-esquecido>. Acesso em 17 jun. 2020.
4. BRITTO, R. S. Hanseníase. In: **Saúde na Amazônia**. São Paulo: ANPES, 1983. [p. 86-93].
5. FRAIHA NETO, H.; BRITTO, R. S. Malária. In: **Saúde na Amazônia**. São Paulo: ANPES, 1983. [p. 17-36].

6. BRITTO, R. S.; CARDOSO, E. **A febre amarela no Pará**. Belém: SUDAM, 1973. 230 p.
7. BRITTO, Rubens Nazeazeno Ferreira. Informação pessoal. Belém, 20 de junho de 2020.



Agradecimentos:

Ao Dr. Alberto Gomes Ferreira Junior, por haver-me ofertado o valioso depoimento de Yêdda Pinheiro Borzacov sobre seu grande amigo Rubens Britto, colega de turma de seu pai.

E ao meu caríssimo amigo Rubens Nazeazeno Ferreira Britto, pelo generoso fornecimento de dados familiares de seu genitor e da fotografia de estúdio de seus pais.

